

PÊNFIGO FOLIÁCEO EM CÃO DA RAÇA BORDER COLLIE: RELATO DE CASO

Data de aceite: 01/04/2024

Gabriele de Almeida

Acadêmica de Medicina Veterinária,
Universidade de Passo Fundo. Passo
Fundo – RS/Brasil

Maria Eduarda Strapazzon

Acadêmica de Medicina Veterinária,
Universidade de Passo Fundo. Passo
Fundo – RS/Brasil

Leticia Lais Zambiasi

Acadêmica de Medicina Veterinária,
Universidade de Passo Fundo. Passo
Fundo – RS/Brasil

Héllen Alana de Castro

Acadêmica de Medicina Veterinária,
Universidade de Passo Fundo. Passo
Fundo – RS/Brasil

Fabiola Raber da Silva

Acadêmica de Medicina Veterinária,
Universidade de Passo Fundo. Passo
Fundo – RS/Brasil

Arthur de Moura de Miranda

Médico Veterinário Residente em
Anestesiologia de Cães e Gatos do
Hospital Veterinário da Universidade de
Passo Fundo. Passo Fundo – RS/Brasil

Renan Idalencio

Professor Doutor do curso de Medicina
Veterinária da Universidade de Passo
Fundo, Departamento de Anestesiologia
de Pequenos Animais – RS/Brasil

Mariana Dalla Palma

Médica Veterinária do Hospital Veterinário
da Universidade de Passo Fundo,
Departamento de Clínica Médica
Especialista em Dermatologia de
Pequenos Animais. Passo Fundo – RS/
Brasil

RESUMO: Pênfigo foliáceo é uma afecção imunológica de pele dividida em duas categorias. O complexo pênfigo é a denominação dada à um grupo de enfermidades autoimunes que lesionam pele e mucosas, é uma doença cutânea autoimune que se dá pela produção de anticorpos contra os desmossomos, que fazem a adesão dos queratinócitos, sendo caracterizada por lesões erosivas. O diagnóstico dessa doença ocorre através de histórico, anamnese, exames complementares como citologia de pele e histopatológico. O tratamento é demorado e consiste em suprimir a resposta imunológica do animal.

PALAVRAS-CHAVE: Cães, autoimune, prurido, idiopática, histopatológico

INTRODUÇÃO

As afecções imunológicas da pele podem ser divididas em autoimunes (primárias) e imunomediadas (secundárias), sendo que no primeiro é decorrente da produção de anticorpos contra componentes da pele (ARAUJO, 2019). O complexo pênfigo é a denominação dada à um grupo de doenças autoimunes que lesionam pele e mucosas, como o pênfigo bolhoso, foliáceo, vulgar e paraneoplásico (WACHHOLZ, et. al. 2022). O pênfigo foliáceo é uma doença cutânea autoimune que se dá pela produção de anticorpos contra os desmossomos, que fazem a adesão dos queratinócitos, sendo caracterizada por lesões erosivas. É uma doença infrequente em animais de companhia, mas é a doença autoimune mais comum em cães e gatos, podendo afetar animais de qualquer idade, sexo ou raça, mas, dentre os cães parece prevalecer mais entre as raças Akita, Chow Chow e Border Collie.

Esse trabalho teve como objetivo relatar um caso de pênfigo foliáceo em um cão, da raça Border Collie, com 10 anos e 3 meses de idade, fêmea atendida pela clínica médica de pequenos animais no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo, em Passo Fundo, Rio grande do Sul.

RELATO DE CASO

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo, no município de Passo Fundo, RS, um canino, fêmea, da raça Border Collie, 27 kg, com dez anos e três meses, com histórico de lesões na região ventral do abdômen de evolução de seis meses. Ao exame físico foram visualizadas lesões ulceradas, erosivas, com presença de crostas e pústulas bem como colaretas epidérmicas distribuídas em forma de placas. A paciente foi encaminhada para exames complementares, hemograma, albumina, ALT, FA e ultrassom, os quais não demonstraram alterações relacionadas, foi indicado a biópsia lesional, sendo necessário a internação da paciente para a descontaminação das lesões. Durante a internação, a paciente foi medicada com metadona (0,2 mg.Kg-1), succinato de metilprednisolona (2 mg.Kg-1), cefalotina (25 mg.Kg-1) e dipirona sódica (25 mg.Kg-1), também sendo realizada a limpeza das feridas duas vezes ao dia. Após a descontaminação das lesões, a paciente foi encaminhada ao bloco cirúrgico para realização da biópsia. Como medicação pré-anestésica da paciente foi realizado fentanil (2,5 µg.Kg-1) e cetamina (1,5 mg.Kg-1), ambas pela via intravenosa, seguido pela indução anestésica com propofol (3 mg.Kg-1). A paciente foi submetida à infusão contínua de fentanil (5 µg.Kg.h-1) para analgesia. Iniciado o procedimento cirúrgico, foi realizada a coleta de 4 fragmentos de pele com pelos e sujidades, posteriormente realizando a redução do espaço subcutâneo com fio de sutura poliglecaprone 3-0 e dermorrafia com nylon 4-0 no padrão de sutura Sultan. As amostras de pele foram encaminhadas ao laboratório de patologia, onde foram observadas lesões compatíveis com pênfigo foliáceo.

O pêfingo foliáceo se manifesta geralmente de maneira idiopática, mas também pode ser induzido pelo uso de fármacos ou ser seqüela de lesões cutâneas crônicas (HLINICA, 2018), considerando que o canino em questão já havia sido atendido previamente sendo tratado por piodermite com antibióticos, dentre eles cefalexina e norfloxacina, anti-inflamatórios e banhos terapêuticos, aos quais não obteve melhora, não se pode determinar a origem da doença. As lesões primárias de pêfingo foliáceo são superficiais, porem dificilmente as pústulas são encontradas intactas, já que são frágeis e se rompem facilmente, além das lesões serem ocultas pela pelagem. As lesões secundárias possuem crosta, erosões superficiais e descamações. A doença começa normalmente na ponte nasal, ao redor dos olhos e no pavilhão auricular (HLINICA, 2018). Após o período de internação, o paciente recebeu alta, sendo prescrito omeprazol 20 mg, cefalexina 600 mg, prednisolona 20 mg, dipirona 1 g e tramadol 100 mg, sendo recomendado o uso de colar elizabetano e roupa cirúrgica e higiene das lesões, retornando em 15 dias para reavaliação. Após esse período, o paciente passou por reconsulta, na qual foi observado uma diminuição nas lesões e eritema, respondendo bem ao tratamento e sendo recomendada reavaliação novamente em 15 dias, sendo incluída na terapia azatioprina 50 mg, um fármaco imunossupressor não esteroideal seguro para uso em cães (HLINICA, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se observar que o plano terapêutico multimodal instituído ao paciente foi eficaz para o tratamento das lesões, sendo que a associação da azatioprina com o glicocorticoide prednisolona possuem ação imunossupressora, reduzindo a resposta imune à qual o animal desenvolve as lesões relacionadas ao pêfingo foliáceo.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Adjanna K. L.; GONDIM, Adriana L. C. L. Pêfingo Foliáceo Canino: Relato de Caso. Pubvet, 2019. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/artigo/6478/pecircnfigo-foliaacuteco-canino-relato-de-caso>. Acesso em: 07 de agosto de 2022.

HLINICA, Keith A. Dermatologia De Pequenos Animais. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2018. 9788595151628. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595151628/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

WACHHOLZ, Péter L. et al. Pêfingo foliáceo em um cão- Relação clínica, citopatológica e histopatológica. Pesquisa, sociedade e desenvolvimento, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25683>. Acesso em: 07 de agosto de 2022.